

TRIBUNA LIVRE

MATHEUS ALBERGARIA DE MAGALHÃES



Quem tem medo de inflação?

Um tema comum em aulas de Economia corresponde aos efeitos adversos da inflação. Durante estas ocasiões, fico impressionado em quão difícil pode ser transmitir aos alunos de graduação e MBA uma noção realista dos efeitos da inflação sobre a vida dos brasileiros ao longo das décadas de 1980 e 1990.

Como a maioria dos alunos de hoje cresceu em um ambiente de relativa estabilidade, parece não fazer sentido para eles a descrição de um ambiente inflacionário onde eram registradas taxas anuais de inflação superiores a 5.000%.

Na época, durante uma ida ao supermercado, assistíamos a atendentes remarcando preços diariamente, o que tornava muito difícil fazer qualquer tipo de inferência acerca do valor dos bens e serviços transacionados em nossa economia.

De fato, o poder corrosivo da inflação era tamanho, que as pessoas optavam por gastar seus salários rapidamente, pois assim não veriam seu poder de compra reduzido ao longo de um curto período, como uma semana ou mês.

No final da década de 1980, era comum notarmos a ocorrência de distintos preços cobrados para um mesmo bem ao longo de um período de 10 dias ou menos.

Como salvaguarda, diversas famílias tinham hábitos financeiros distintos dos atuais, investindo seu dinheiro em aplicações com rendimento diário, fazendo compras do mês a partir de uma única ida ao supermercado ou adquirindo terrenos e imóveis.

O que estes relatos nos dizem? Que a inflação pode marcar permanentemente a cultura e memória de um povo.

Além de aumentar a incerteza vigente na economia, adiando planos de consumo e investimento, a inflação faz com que o principal mecanismo de uma economia de mercado (os chamados “preços relativos”) deixe de exercer sua função básica, que é de funcionar como “sinalizadores” para as decisões dos agentes econômicos (famílias e empresas, basicamente).

Assim, um empreendedor que pensa em pegar um empréstimo no banco para montar seu negócio no próximo ano, pode deixar

de fazê-lo em um ambiente inflacionário, simplesmente porque não tem confiança no futuro custo do empréstimo que faz hoje. Similarmente, uma família que pense em comprar um apartamento não tem confiança na possibilidade de realização de um financiamento, por conta de não saber quanto efetivamente terá de pagar de juros ao longo de um período de cinco ou dez anos.

Desde o início de 2014, venho coordenando o Centro de Estudos e Análises Econômicas (Cee) na Fucape Business School, que realiza a coleta e tratamento de dados relacionados ao custo de vida na Grande Vitória.

Basicamente, a equipe do Cee divulga resultados relacionados a indicadores socioeconômicos, que buscam captar distintos aspectos do processo inflacionário.

Assim, são calculados indicadores dos preços das

diferentes cestas de alimentos consumidas pela maioria da população (padrão, vegetariana, light e top), dos preços dos combustíveis nos postos da Grande Vitória e dos preços de passagens aéreas de voos partindo e chegando ao Aeroporto Eurico de Aguiar Salles.

Em conjunto, estes indicadores fornecem uma importante radiografia econômica do custo de vida no estado do Espírito Santo, podendo servir como um instrumento de sinalização para o processo de tomada de decisão de famílias e empresas.

Neste sentido, quanto maior for a nossa compreensão das causas e efeitos da inflação, menores serão as futuras preocupações acerca dos efeitos adversos deste importante problema econômico.

Afinal, quem tem medo de inflação?

Matheus Albergaria de Magalhães é Professor da Fucape Business School



**A inflação
pode marcar
de maneira
permanente
a cultura e
a memória
de um povo**